

EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO, MÍDIAS E TECNOLOGIAS

processos de formação acadêmica



CÂNONE EDITORIAL

EDITORA RESPONSÁVEL

Ione Valadares

Conselho Editorial

Adriano Naves de Brito, Anita C. Azevedo Resende,
Custódia Selma Sena, Denize Elena Garcia da Silva,

Lisandro Nogueira, Maria Zaira Turchi,

Noé Freire Sandes

Cleide Aparecida Carvalho Rodrigues
Juliana Guimarães Faria
Gabriella Luccianni Morais Souza Calaça
(Organizadoras)

EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO, MÍDIAS E TECNOLOGIAS

processos de formação acadêmica



Proibida a reprodução total ou parcial deste livro sem autorização do editor
(sanções previstas na Lei n. 9.610, de 20 de junho de 1998).

Copyright © 2013 by Cleide Aparecida Carvalho Rodrigues, Juliana Guimarães Faria
Gabriella Luccianni Morais Souza Calaça

1. edição

Capa

Luciana Oliveira e Paula

Preparação de originais e revisão

Ione Valadares e Eugênia Fraietta

Projeto e arte-final

Marcus Lisita Rotoli

Fátima Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

E25

Educação, comunicação, mídias e tecnologia: processos de formação acadêmica / Cleide Aparecida Carvalho Rodrigues, Juliana Guimarães Faria, Gabriella Luccianni Morais Souza Calaça. – Goiânia : Cànone Editorial, 2013.

208 p. ; 22,5 cm.

ISBN: 978-85-8058-029-7

1. Professores – formação. 2. Educação. 3. Comunicação. 4. Tecnologias aplicadas na educação. I. Rodrigues, Cleide Aparecida Carvalho II. Faria, Juliana Guimarães Faria III. Calaça, Gabriella Luccianni Morais Souza.

CDD 370.7108161



Todos os direitos desta edição reservados
à Cànone Editoração Ltda

Av. Sucuri, Qd. 137, Lt. 29, sala 9, Setor Jaó
74674-010 - Goiânia-GO - Brasil
Telefone/Fax: (62) 3093 7082
www.canoneeditorial.com.br

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Sumário

Apresentação 7

Capítulo 1 - Conceitos difusos: educação e comunicação

De repente, estamos *on-line*... E agora? 11

Alzino Furtado de Mendonça

O processo comunicativo na prática pedagógica 24

Cleide Aparecida Carvalho Rodrigues

O que é comunicação, em EAD? O valor epistemológico do especificamente comunicacional na relação entre comunicação e educação 39

Luiz Signates

Comunicação e educação: uma ação de homens e máquinas! 57

Simone Antoniaci Tuzzo

Capítulo 2 - Práticas interativas

Softwares e vídeos nas aulas de matemática dos anos iniciais: mediação como abertura para o diálogo 81

Maria de Fátima Teixeira Barreto

Ricardo Antônio Gonçalves Teixeira

Jovens pobres e o mito da periculosidade: representações sobre a juventude na mídia impressa goiana 97

Gardene Leão de Castro Mendes

Internet e leitura crítica das mídias para surdos 112

Juliana Guimarães Faria

Núbia Guimarães Faria

Fernanda Bonfim de Oliveira

Jéssie Rezende Araujo

Lira Matos Martins

Thainã Miranda Oliveira

A utilização das ferramentas da internet em sala de aula 121

Divino Alves Bueno

Marcelo Jerônimo Rodrigues Araújo

Capítulo 3 - As mídias e as tecnologias na formação

Formação de professores: estratégias cognitivas do docente
na aprendizagem de um *software* de autoria 147

Daniela da Costa Britto Pereira Lima

Mirza Seabra Toschi

Formação de professores para o uso das redes sociais 163

Cleide Aparecida Carvalho Rodrigues

Gabriella Luccianni Morais Souza Calaça

Docência e formação no contexto da sociedade da informação 176

Juliana Guimarães Faria

Mirza Seabra Toschi

Mediação tecnológica, EAD e o conceito H 190

Cleomar Rocha

Flávia Rodrigues

Sobre os autores 201

Comunicação e educação: uma ação de homens e máquinas!

Simone Antoniaci Tuzzo

Introdução

Quando pensamos em comunicação e educação, devemos pensar que aprender não é um gesto mecânico de absorção de conhecimento, mas sim um processo lúdico, interessante, curioso, de sentido de vida. Por isso o conhecimento está além das palavras ditas ou escritas; o que importa está para além da palavra, o que importa é a contextualização de um ensinamento que deve ser agregado aos valores já carregados por cada indivíduo.

Paulo Freire afirma que educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas o encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação do significado.

No mundo moderno, a informação tornou-se abundante, mas a comunicação é algo raro, visto que comunicação não é falar, tampouco informar, dizer, contar algo. Comunicação pressupõe a compreensão pelo receptor e depende da certeza de que uma mensagem enviada foi recebida, compreendida e capaz de provocar, no receptor, uma reação. Por isso, a educação é algo inerente ao processo de comunicação, pois para assimilação de conhecimentos os receptores devem ser capazes de fazer interpretações.

A esse processo somam-se ainda os enquadramentos culturais e ideológicos de cada receptor que podem ampliar, modificar, subtrair os sentidos de cada comunicação a partir dos valores que cada um possui sobre os sentidos da vida.

Décadas atrás, Caetano Veloso cantou em versos: “O sol nas bancas de revista me enche de alegria e preguiça. Quem lê tanta notícia...”. Naquela época, quando as mídias eram muito mais reduzidas do que hoje, o poeta já se incomodava com o volume de informação existente, impossível de ser absorvida em sua totalidade; hoje isso só piorou. Ao mesmo tempo, longe de

nos trazer um desespero, a canção nos traz tranquilidade de saber que o volume de informação exacerbado fornecido hoje pela mídia, agravado pela chegada e avanço da internet, sempre foi maior do que a capacidade de absorção para a maioria das pessoas.

A chave do mistério é – e sempre foi – a nossa capacidade de selecionar aquilo que nos é viável, importante, relevante, diante de um número imenso de informações que não nos faz sentido.

Para alguns, a internet transformou-se na vilã da quantidade de informações existentes na sociedade. Diante dela, as pessoas concluem que os veículos que a antecederam desaparecerão, o mundo ficará tão mais rápido que não daremos conta de assimilar tudo o que ocorre, e a sociedade vê-se diante de uma mídia ameaçadora e transformadora. Verdade absoluta? Nem tanto! Mentira? Também não.

Na realidade, a internet é mais uma mídia, mais uma forma de comunicação – ampla, poderosa, jamais conhecida, e uma mídia que causa desconforto na sociedade tal qual as mídias que a antecederam também causaram. A chegada da TV foi uma revolução na sociedade da época. A partir dela, a ideia era de que o rádio desapareceria, o mundo unir-se-ia pela imagem, o cinema acabaria porque cada um poderia ter o seu próprio cinema em casa. Isso não aconteceu como todos podem comprovar. Cada veículo de comunicação tem o poder de se adaptar a partir da chegada de novas mídias. Camaleônicos que são, os meios de comunicação de massa são adaptáveis e reacomodam-se a uma sociedade que cresce, se desenvolve e absorve novas formas de interlocução e relacionamentos.

Quando da chegada do rádio ao Brasil, Roquette Pinto, o patrono do rádio brasileiro, costumava defini-lo com essas palavras:

O rádio é a escola dos que não têm escola, o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças, o consolador dos enfermos e o guia dos sãos – desde que o realizem com espírito altruísta e elevado. (Castro, 1996, p. 32)

O rádio era o novo rei da comunicação, assim como é hoje a internet. Mas esse deslumbramento passa. A mídia é um organismo da sociedade e, como tal, deve ser entendida como membro efetivo da construção de um indivíduo. Ao mesmo tempo recria os organismos sociais existentes paralelamente a ela.

O medo que algumas pessoas têm de que a internet modifique a educação e que, a partir de então, o professor, por exemplo, passe a ser figura secundária no processo de ensino-aprendizagem não se sustenta. A mídia não modifica somente a escola; ela, como membro efetivo da sociedade, modifica tudo o que está a sua volta, ou seja, a partir das novas mídias, a igreja não é mais a mesma – missas e cultos saem de seus espaços físicos e ocupam a TV, por exemplo. A saúde modifica-se, ao passo que os pacientes podem ter acesso às informações antes sagradas e reservadas apenas aos médicos. A política é redefinida pelos partidos e pelos espaços públicos a partir de integrações possibilitadas pelos meios de comunicação de massa. Esses são apenas alguns exemplos; poderíamos ainda destacar a relação entre a família, os amigos, que, com a chegada das redes sociais, não é mais a mesma.

Na verdade, a sociedade feita por organismos distintos readapta seus organismos com a chegada e a modificação de cada novo órgão; inteligente, ela sabe que a sobrevivência do todo depende de uma reorganização constante de cada parte.

Jukes e McCain (2008), parafraseando o secretário de educação dos EUA, afirmaram que se pode antever que os dez melhores empregos que serão demandados dentro de dez anos, não existem atualmente, e que tais postos de trabalho exigirão o uso de tecnologias que ainda não foram inventadas, para resolver problemas que ainda não existem.

Longo (2007) afirma que grande parte do esforço e do tempo na atual educação tradicional é gasto procurando informações, restando pouco tempo para o professor ensinar como processá-las, sintetizá-las e avaliá-las. O uso de ferramentas de comunicação liberará o professor de tarefas de transmissão de informação que poderão ser buscadas pelos alunos de forma independente, com o uso das novas ferramentas de comunicação e ajudarão a mudar o papel do professor.

Assim, a chegada das novas mídias possibilitará ao professor o desenvolvimento de sua tarefa mais nobre, ou seja, a de interpretar informações, discutir com os alunos, processar dados, fazer pensar, desenvolver o senso crítico. Isso se consegue com o tempo.

A sociedade moderna vive um aprendizado cooperativo, um processo educacional onde os participantes ajudam e confiam uns nos outros para atingir um objetivo definido.

É sabido que as escolas e os professores encontram dificuldades para transformar suas práticas tradicionais para que atendam aos interesses dos

educandos, no sentido de prepará-los para um mundo que se reinventa a cada dia. Essas dificuldades abarcam desde questões técnicas devido à falta de recursos até a resistência de alguns educadores em usar as novas tecnologias. Mas o otimismo faz acreditar em um educador que se adapte, que reconheça o seu valor diante dos meios de comunicação de massa e que saiba, acima de tudo, que é ele o verdadeiro transformador de uma sociedade que se faz com máquinas, mas acima de tudo, com homens e mulheres.

1 Informação, comunicação e conhecimento na construção da educomunicação

Informação não é comunicação e comunicação não é conhecimento. Entretanto, não há conhecimento sem comunicação e informação, e as ciências da educação e da comunicação caminham juntas. Falar de educação e comunicação é falar do presente, mas é também falar do passado e de todas as possibilidades educativas dos meios de comunicação, desde o surgimento da imprensa e, por consequência, do jornal, do cinema, do rádio e da televisão, até os dias de hoje com a chamada revolução digital (Castells, 1999).

Na mesma lógica de Castells (1999), podemos pensar que a informação, a comunicação e o conhecimento (que também permeiam a educação formal) integram-se, na sociedade moderna, simbioticamente por uma mesma linha de raciocínio que não pensa a lógica dos organismos sociais de forma dissociada, mas faz uma interpretação de mundo a partir de um aprendizado tecnológico, principalmente criado a partir da linguagem da televisão, ou seja:

O poder real da televisão é que ela arma o palco para todos os processos que se pretendem comunicar à sociedade em geral, de política a negócios, inclusive esporte e arte. A televisão modela a linguagem de comunicação societal [...] assim, informação e entretenimento, educação e propaganda, relaxamento e hipnose, tudo isso está misturado na linguagem da televisão [...] Portanto, como representa o tecido simbólico de nossa vida, a mídia tende a afetar o consciente e o comportamento como a experiência real afeta os sonhos, fornecendo a matéria-prima para o funcionamento de nosso cérebro. (Castells, 1999, p. 421-422)

Dentro da perspectiva de modificação e adaptação dos organismos e instituições sociais e de uma lógica que vai além da mídia e tem início no

passado, podemos destacar a adequação/adaptação da literatura com a invenção da imprensa. Na visão de Averbuck (1984, p. 3-8),

A literatura (primeira forma absorvida pela cultura de massa), em sua transformação, permanece ainda como o grande foco irradiador, fornecendo a matéria-prima para o roteiro cinematográfico, o enredo da telenovela ou o texto da fotonovela. [...] Interpretar as relações que essas formas de arte estabelecem entre si (a literatura e as demais artes) significa, também, pensar a sociedade como um todo.

Os estudos sobre os meios de comunicação, sua utilidade e impacto na educação atuam desde a formação de educadores para lidar com esses meios, passando pela formação de educadores para as práticas de comunicação social até a análise da comunicação e de suas tecnologias; mas, para que seja possível avançar nessa ideia, é preciso entender o que é educomunicação, ainda que a relação entre comunicação e educação no Brasil seja anterior aos termos hoje utilizados como “mídia-educação”, “educação para as mídias” ou “educomunicação”, pois Paulo Freire já trabalhava o processo desde a década de 1960. Ismar de Oliveira Soares (2012, p. 1), um dos maiores pesquisadores de educomunicação no país, afirma:

A palavra “educomunicação” é um neologismo antigo. Foi utilizado na década de 1980 pela Unesco e significava “educação para recepção crítica”. Entre 1997 e 1999, a USP fez uma pesquisa que identificou esta prática social de produção midiática. Queríamos um conceito que servisse de guarda-chuva para explicar o uso dos meios na educação. Lembramos da palavra usada pela Unesco e passamos a empregar o mesmo conceito, mas num sentido mais amplo. A educomunicação não seria mais uma área preocupada com o impacto da mídia, mas sim a gestão da mídia por parte das comunidades, com o uso das tecnologias, permitindo o empoderamento da sociedade. A responsabilidade minha e da equipe com a qual trabalho foi a ressignificação do conceito e sua apresentação pública. Em resumo, a educomunicação tem como meta construir a cidadania, a partir do pressuposto básico do exercício do direito de todos à expressão e à comunicação.

Assim podemos constatar a relação da educomunicação com a cidadania, o uso dos meios de comunicação pela educação, recepção crítica,

gestão da mídia, uso das tecnologias e o poder da sociedade no tocante à comunicação.

Paulo Freire já trabalhava essas ideias na construção de uma teoria da educação como prática social em uma relação entre a comunicação e a cultura. Para ele, a leitura do mundo precede a leitura da palavra e a dimensão crítica no estudo envolve uma recepção ativa dos textos. O leitor/estudante coloca-se numa posição de sujeito. Para Freire (1981, p. 8-9),

é impossível um estudo sério se o que estuda se põe em face do texto como se estivesse magnetizado pela palavra do autor, à qual emprestasse uma força mágica. Se se comporta passivamente, “domesticamente”, procurando apenas memorizar as afirmações do autor. Se se deixa “invadir” pelo que afirma o autor. Se se transforma numa “vasilha” que deve ser enchida pelos conteúdos que ele retira do texto para pôr dentro de si mesmo. Estudar seriamente um texto é estudar o estudo de quem, estudando, o escreveu. É perceber o condicionamento histórico-sociológico do conhecimento. É buscar as relações entre o conteúdo em estudo e outras dimensões do conhecimento. Estudar é uma forma de reinventar, de recriar, de reescrever – tarefa de sujeito e não de objeto. Desta maneira, não é possível a quem estuda, numa tal perspectiva, alienar-se ao texto, renunciando assim à sua atitude crítica em face dele.

A recepção ativa dos textos proposta por Freire nos reporta a uma mídia-educação para a cidadania, democratização e justiça social. Para isso, é importante que também se invista em uma formação de professores capaz de inspirá-los para que transcendam o tecnicismo e uma visão meramente operacional da mídia na educação e alcancem uma leitura da mídia e uma relação simbiótica entre educação e comunicação.

Soares (1999, p. 1) apresenta quatro variáveis à organização das áreas da comunicação e educação: “as dificuldades estão em unir elementos fundamentais dos dois campos, quais sejam: educação para a comunicação; mediação tecnológica na educação; gestão comunicativa; e reflexão epistemológica sobre a inter-relação comunicação–educação”.

Raboy (2005) coloca a questão firmada em política, pesquisa e educação, entendendo que os esforços de alfabetização midiática são também tarefa de comunicadores e propõe cinco tipos de intervenção: análise crítica contínua das questões da mídia (pesquisadores); esforço de alfabetização midiática (educadores); construção e operação de mídias autônomas (operadores de

mídias alternativas); práticas progressistas dentro da mídia dominante (jornalistas, editores, publicadores etc.); e intervenção política (atividades quanto às políticas para as mídias).

Podemos pensar que a relação entre a educação e a comunicação dá-se em três dimensões: a educação através da comunicação, para a comunicação e sobre a comunicação, como proposto por Linhares (2010).

Na primeira dimensão, os meios de comunicação são utilizados como ferramenta de difusão da educação. Vários são os exemplos de utilização do rádio, cinema, televisão e internet para difusão do conhecimento.

Com referência ao rádio, as iniciativas de educação através da comunicação foram várias. O rádio no Brasil já começou educando. Em uma das rádios mais populares da história do Brasil, a Sociedade, do Rio de Janeiro, deu-se início à história do rádio educativo brasileiro, iniciativa de Edgar Roquette Pinto, considerado o “pai da radiodifusão” no Brasil. Os programas educativos eram a base da programação da emissora, que transmitia cursos de línguas, geografia, história, física, química, palestras científicas e momentos literários e infantis.

Também criada por Roquette Pinto, a Rádio Escola Municipal começou a moldar o que seria a educação radiofônica no Brasil, com envio de lições pelo correio. Os alunos inscritos nos cursos mantinham contato por carta, telefone ou visitas. Em 1941, o número de trabalhos recebidos pela emissora passou de 20 mil. Com tamanha demanda, houve a necessidade de alterar a proposta original e o próprio nome da emissora, que passou a chamar-se Rádio Difusora, pois ganhou o papel de difusora educativa e cultural.

Já em 1947, foi criada a Universidade do Ar, uma parceria entre Senac, Sesc e emissoras associadas de São Paulo, com o objetivo de oferecer cursos comerciais radiofônicos. Os programas eram gravados ainda no vinil e repassados às emissoras que retransmitiam as aulas três vezes por semana, nos chamados radiopostos. Em dias alternados, os alunos estudavam por meio de apostilas e faziam as correções dos exercícios com o auxílio dos monitores. Estima-se que, na década de 1950, a medida tenha atingido 318 localidades e 80 mil alunos.

Os exemplos acima são similares aos adotados atualmente pela Universidade Aberta do Brasil (UAB). A fórmula da educação a distância é antiga. A novidade fica por conta das novas tecnologias da comunicação capazes de levar a formação pedagógica a lugares onde o ensino tradicional ainda é precário. A disponibilização *on-line* dos programas do projeto Escola Brasil,

por exemplo, já é uma realidade. Iniciado em 1997, o programa atua como um importante porta-voz das comunidades da zona rural, cidades do interior do Brasil, periferias das grandes capitais, regiões que possuem dificuldades de acesso à informação, com altos índices de analfabetismo, de repetência e evasão escolar. O instrumento dessa luta, o rádio, foi escolhido justamente pela simplicidade e imediatismo de seu uso.

Como mais um exemplo do rádio na educação, destaca-se a história do Movimento de Educação de Base (MEB) com início em março de 1961. A entidade foi precursora da educação a distância, por meio das escolas radiofônicas, nascidas na arquidiocese de Natal, RN, por iniciativa do então Bispo Auxiliar Dom Eugênio Sales. Nas décadas seguintes, além da alfabetização, implantou cursos de capacitação destinados às comunidades, tais como cooperativismo e associativismo.

A educação através da comunicação também se dá a partir do cinema. O cinema em sala de aula não é novidade e já é discutido desde o início da década de 1920 por educadores brasileiros com articulações que culminaram em 1936, na criação do Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), primeiro órgão oficial do governo planejado para o cinema. Sobre ele, Franco (1991, p. 27) nos apresenta uma ideia de Roquete Pinto, criador e diretor do Cinema Educativo:

É curioso notar que o cinema educativo não passa de simples cinema de instrução. Porque o verdadeiro educativo é outro, o grande cinema de espetáculo, o cinema da vida integral. Educação, principalmente ginástica do sentimento, aquisição de hábitos e costumes de moralidade, de higiene, de sociabilidade, de trabalho e até mesmo de vadiagem. [...] O indivíduo pode instruir-se sozinho; mas não pode educar-se senão na sociedade.

Com a televisão, também merece destaque o programa “Telecurso”, o Canal “TV escola” e a TV Educativa (Televisão Educativa) do Rio de Janeiro, mais tarde TV Educativa do Brasil (ou simplesmente TVE Brasil), uma rede de televisão brasileira, mantida pela Associação de Comunicação Educativa Roquete Pinto (ACERP), que atuou na área de radiodifusão. A rede entrou no ar em 1975 e foi extinta no dia dois de dezembro de 2007, para dar lugar à TV Brasil, canal de televisão público, no mesmo dia quando se iniciaram as transmissões de sinal de TV Digital em território brasileiro.

Já no domínio do vídeo, o Vídeo Escola foi um projeto que durou mais de uma década, de 1985 a 1996, de amplitude nacional, considerado o

primeiro projeto dessa envergadura a colocar diretamente na escola a questão da relação comunicação-educação.

Segundo Linhares (2007), o projeto nasceu como uma locadora de vídeos, criado por educadores preocupados com a construção interdisciplinar do conhecimento, com a modernidade, com o acesso às tecnologias atualizadas e com a abertura do espaço escolar para novas fontes do conhecimento. O projeto foi pensado no viés da comunicação enquanto alfabetização para os meios, leitura dos meios, educação para a comunicação, educação para a recepção e educação para a recepção crítica entre outros, mas principalmente para fomentar, no espaço da escola, discussões sobre tecnologias comunicacionais e educação, linguagens de comunicação e pedagogia dos meios ou para os meios de comunicação.

Nos últimos anos, o destaque da tecnologia é para o uso da informática na educação. Graças à disseminação de tecnologias *wireless* de alta velocidade, mídias sociais como o Facebook, internet de banda larga, *smartphones*, computação em nuvem e computadores *tablets*, o mundo fez uma transição da conectividade para a hiper-conectividade. Uma geração que cresceu com essas tecnologias está se sentindo cada vez mais confortável para aprender e interagir com professores por meio de plataformas *on-line*.

Resgatando a ideia de Linhares (2010) de que a relação entre a educação e a comunicação se dá em três dimensões, podemos pensar na segunda dimensão (a educação para a comunicação) a partir de uma reflexão sobre a educação para os meios, uma educação crítica dos meios.

A educação para os meios considera a relação comunicação-educação segundo a dimensão produtiva. Com o objetivo de leitura crítica das imagens – pressuposto da Escola de Frankfurt –, essa dimensão procura escapar do pensamento único construído pelos meios, desenvolvendo estratégias para a liberdade dos sujeitos diante da massificação midiática.

Para Barbero (1998), o aluno-receptor transforma-se em um novo cidadão, um receptor-produtor, privilegiando o processo de mediação e negociação das referências culturais onde elas se concretizam. O receptor é um mediador que produz e reproduz o sentido social, ajudando a compreender a interação entre a produção e a recepção, destacando que o consumo não é só reprodução de forças, senão também produção de sentidos.

Canclini (1995) corrobora, afirmando que o consumo das atividades culturais caracteriza-se como dimensão da cidadania, um exercício constante das práticas sociais e culturais que dão sentido ao pertencimento, ao mesmo

tempo em que reconceitua a cidadania, libertando-a de sua estrutura formal político-jurídica para defini-la também como um estado de luta pelo reconhecimento dos outros.

Na visão de Linhares (2007), as práticas de educação para os meios constituíram-se por ensinar os conceitos, a gramática e a sintaxe da imagem, preparando os diferentes grupos sociais para atuarem como a mídia. Tinham como temas fundamentais: as linguagens, as tecnologias, as representações, as tipologias, os públicos e os produtos. Como exemplo, temos as ações do Núcleo de Comunicação Social da Igreja Católica na América Latina, desde os anos 60, com a ideia de evangelizar os jovens afastados da igreja, cujo foco principal era a evangelização através dos meios de comunicação.

Influenciada pela teoria dos efeitos sociais dos meios, essa dimensão procura construir um sujeito alfabetizado mediaticamente, isto é, um sujeito que está bem treinado na linguagem audiovisual e em seu significado, o que lhe permitirá compreender a mensagem central do autor e a cultura que se está criando. Reconhece que as imagens são representações subjetivas, não a realidade em si; é um sujeito consciente dos processos de produção da indústria dos meios, de seus interesses, especialmente os comerciais e políticos, e de como tratam a audiência; e, acima de tudo, é um sujeito crítico diante das mensagens dos meios de comunicação de massa, pois sabe interpretar o conteúdo e não somente consumir o produto.

E por fim, fechando as três dimensões propostas por Linhares (2010), temos a educação sobre os meios de comunicação, que tem, nos meios de comunicação, seu principal objeto de pesquisa, qual seja, um campo multidisciplinar que aporta conhecimentos de várias ciências com o objetivo de estudar os meios e sua influência na sociedade. Fusari (1990, p. 2) destaca que: “a educação escolar como uma parte inseparável da totalidade social, caracteriza-se também, por um modo de comunicação e de uso dos meios de comunicação articulados à sociedade em que se insere”. Penteadó (2001) endossa essa perspectiva, destacando que essa relação deve construir uma “pedagogia da comunicação” e procura identificar caminhos conjuntos para a relação educação-comunicação.

Segundo Linhares (2007), essa dimensão considera que a comunicação e suas tecnologias têm contribuído para a construção de novos modos de inteligibilidade do mundo, em que os jovens são os principais atores. Observa que, por atuarem nos campos da percepção, da imaginação, associados ao pensamento humano, os meios de comunicação, constituem-se de mudanças

antropológicas que atuam no âmbito das habilidades sensitivas e da inteligência, daí ser importante direcionar a reflexão sobre o uso dos meios de comunicação para a esfera da educação, pois a relação entre comunicação e educação está além das fronteiras escolares, e envolve o mundo do trabalho, as formas de convivência e de produção da sociedade, a circulação e o acesso à informação.

2 Opinião pública e cidadania na construção da educomunicação

Ao relacionar educação e comunicação, propomos uma reflexão sobre a formação da opinião pública, ao passo que o binômio comunicação-educação é determinante no processo de construção e interpretação do real, do concreto e da reconstrução dos fatos. Nessa perspectiva, a escola constitui um espaço para o desenvolvimento do exercício de divulgação pública de ideias e de construção de uma nova realidade da comunicação.

Pensar em educomunicação é refletir sobre o papel da escola como espaço público responsável pela formação da opinião pública e pela constituição de novos marcadores espaço-temporais para a análise da comunicação no processo ensino-aprendizagem.

Podemos nos pautar na estrutura da esfera pública burguesa do século XVIII, apresentada por Habermas (1984), e sua evolução na constituição de novos espaços públicos. Identificamos a escola como um dos últimos desses espaços culturais tornados públicos, onde a cultura também assume a forma de mercadoria. De acordo com a concepção de Habermas (1984, p. 430) de esfera pública, a escola representa uma instituição onde se deve construir a opinião pública:

A opinião pública se constitui em discussões públicas, depois que o público, por formação e informação, torna-se apto a formular uma opinião fundamentada [...] a opinião pública se forma na luta de argumentos em torno de algo, não sem crítica, na aprovação ou rejeição, seja ela ingênua ou plebiscitariamente manipulada, em relação a pessoas, através do *common sense*.

É a partir da ciência da educação que se podem pensar os significados que a mídia traz com relação à divulgação pública e a sua nova posição que “de uma função da opinião pública (*publizität*) tornou-se também um atributo de quem desperta a opinião pública” (Habermas, 1984, p. 85).

Os organismos sociais estão interligados por uma sociedade que vive o processo de pertencimento, onde os atores sociais não pensam as diferentes organizações e instituições públicas ou privadas de forma isolada, mas constroem uma rede de sentidos. Os meios de comunicação de massa estão inseridos no sistema de formação da sociedade; eles não estão no ciclo periférico do processo, ou seja, não estão à parte dessa construção e tampouco as instituições de ensino também estão à parte desse universo. Os mesmos atores sociais vivem a sociedade e na sociedade, segundo uma lógica de sentido que é plural e abrangente.

A educação e a comunicação são produtos de sua história, desde o seu nascimento, crescimento e desenvolvimento, moldados por seu contorno social. Assim, são também integrantes de um mundo formado a partir de ideias e aprendizados diários que são construídos nas mais variadas facetas da sociedade, fazendo com que a relação cognitiva de sentidos em cada sujeito reflexivo seja construída como uma teia.

Para Tuzzo (2005), os organismos sociais de comunicação e educação são máquinas semânticas de reprodução e de consagração de determinados valores culturais, códigos sociais, signos de prestígio e poder. Ocorre que, diferentemente dos demais organismos sociais, as instituições de educação formal do país não são meramente retransmissoras da realidade social, mas carregam em si a grandiosidade de transformação desse processo a partir do desenvolvimento do senso crítico, base fundamental para a (trans)formação da opinião pública.

As instituições de ensino, como as universidades, por exemplo, caracterizam-se como importante organismo reflexivo onde a opinião pública pode se manifestar, se cristalizar e se (re)organizar para se materializar em posições políticas concretas. Antes de ser transmitida, divulgada e propagada, a opinião pública desabrocha, cresce e toma forma nos espaços físicos e simbólicos onde se dá o encontro, o conforto e a interação entre as diversas visões do mundo que formam as paredes internas da esfera pública. No caso específico da escola, ela constitui o local de formação, pois é a Universidade um dos locais de formação dos líderes e divulgadores da opinião pública.

Há muito, os campos de estudo da comunicação e da educação já conhecem o tema da opinião pública e suas relações com os meios de comunicação de massa. Para Tuzzo (2005, p. 61), “a opinião pública se forma a partir de valores pessoais de cada indivíduo, ou seja, opiniões e atitudes são

fruto de um conjunto de valores adquiridos desde a infância, com a família, reforçado pela sociedade em que se vive”.

Dessa forma, a comunicação não é mera transmissora de informação, mas é construtora da realidade:

Não seria exagero dizer que a comunicação constrói a realidade. Num mundo todo permeado de comunicação – um mundo de sinais – num mundo todo teinformatizado, a única realidade passa a ser a representação da realidade – um mundo simbólico, imaterial. É por isso que a comunicação é duplamente poderosa: tanto porque pode criar realidades, como porque pode fazer com que não existam pelo fato de serem silenciadas. (Guareschi, 1991, p. 14)

Tuzzo (2005) afirma que o que caracterizou o século XX não foi a ciência, mas o domínio da ciência pelo homem. As máquinas não agem por si mesmas, sempre necessitam da programação ou do controle humano. A revolução industrial criou uma forma de operário que, ao trabalhar na máquina da fábrica, opera sobre uma racionalidade que não é a dele.

A racionalidade a ele imposta para que consiga interpretar e agir sobre a máquina foi criada, pensada, trabalhada, produzida e passada para esse operário por meio das ideias de outro homem, que comumente determina o funcionamento de várias máquinas, exigindo dos operários somente a operação e não o raciocínio. O processo é explicado por Kumar (1997, p. 20) da seguinte forma:

A primeira revolução industrial desvalorizou o trabalho muscular; a segunda desvalorizou o trabalho mental de rotina. Duas revoluções em energia, baseadas no vapor e na eletricidade. A terceira revolução é a da informação. Essa reviravolta esteve em gestação por mais de um século. Suas primeiras manifestações assumiram as formas do telégrafo elétrico, do telefone, do gramofone, do cinema, do rádio e da televisão. Mas o computador foi o ponto culminante.

As novas tecnologias de informação recriam a relação entre homens e máquinas, principalmente através da informática. Para Lévy (1999), a produção independente de informação, que hoje já ocorre com a internet, em breve estará se expandindo para outros veículos de comunicação. A própria educação abandona os espaços físicos impostos pela sala de aula e se apropria de novas formas de propagação. De uma forma extremista, Lévy (1999) prevê que,

dentro de alguns anos, todas as pessoas, objetos, textos, obras, instituições, enfim, tudo estará na *web* e será conectado em uma única rede.

A relação entre a comunicação e a educação já se tornou tão estreita que a pedagogia moderna adotou um novo conceito para esse binômio, qual seja: “ensinagem”, descrito por Pimenta e Anastasiou (2002), numa tentativa de construção semiótica que expresse a integração dos processos, que não se configura somente numa reconstrução de linguagem, mas numa referência de sentido.

Nesse perfil didático, a relação entre os atores de uma sala de aula, professor e alunos, estabelece um papel complementar em que não há personagem principal ou coadjuvante. O pensamento do professor não se sobrepõe ao do aluno como conceito supremo de verdade, principalmente nas ciências humanas e sociais, a partir das quais a sociedade moderna já nos deu inúmeros exemplos de multiplicidade de respostas certas para um mesmo questionamento, no sentido de construir um sentido de aprendizagem, de conhecimento, de interpretação de informações que leva ao desenvolvimento do senso crítico.

É possível tomar como exemplo o ensino de graduação que se configura como uma reflexão sobre a atuação de um profissional para suprir uma lacuna social, ou seja, uma profissão só existe quando a sociedade em que ela está inserida necessita das ações por ela desenvolvidas. Assim, no decorrer dos anos, acompanhamos o desaparecimento de profissões como datilógrafos, tipógrafos, e acompanhamos o surgimento de profissões como o designer gráfico, por exemplo. A dinâmica social dirá o surgimento das profissões.

Da mesma forma, a consciência crítica só existe a partir do questionamento da dinâmica social, ou seja, a educação tem sentido quando consegue questionar as mais diversas situações sociais, construir novas respostas e fazer entender que verdades absolutas e conceitos já formados podem ser reestudados, atualizados e reaplicados com muito mais eficiência.

É dessa forma que os alunos conseguirão construir o conhecimento. Os professores devem extrapolar a tarefa de ensinar como uma oportunidade de comunicar aos outros conhecimentos e experiências. E os alunos devem descobrir nos diálogos dentro da sala de aula que sempre existe um significado pessoal e próprio para o que aprendem, que devem relacionar as novas informações com o conhecimento já possuído, com as novas exigências do exercício de sua profissão e com as necessidades da sociedade em que vão atuar.

Nessa lógica, o ensino está em toda a sociedade e não se limita aos espaços geográficos predeterminados pela educação formal. Além das aulas práticas e teóricas, o conhecimento multifacetado está na vida cotidiana e nos diferentes organismos e instituições sociais. Assim, os alunos devem enxergar o cotidiano como um grande laboratório, onde todo tipo de manifestação possa ser analisado, sob a ótica da ciência que se pesquisa e que se quer descobrir.

Para que isso ocorra de fato, o olhar deve ser crítico e o senso comum deve ceder lugar ao questionamento e, nessa perspectiva, a mídia, com seus diversos meios, como revistas, jornais impressos, internet, rádio e televisão, deve constituir material permanente de estudo. A opinião da grande massa não deve influenciar o jovem cientista em suas investigações, pelo contrário, deve servir de início para um novo questionamento.

A educação é a cada dia consolidada como fenômeno multifacetado, ocorrendo em vários lugares, independente de serem institucionalizados. Isso significa que o indivíduo não aprende só na sala de aula; a pedagogia está na igreja, nos clubes recreativos, nas sociedades amigos de bairro, nos *shopping centers*, ou seja, o aprendizado se dá por meio da educação informal e não somente nas searas da educação formal, proporcionada pela escola, pela universidade.

Braga e Calazans (2001, p. 11) afirmam que “é fácil encontrar tomadas de posição apriorísticas e proposições excludentes – no sentido de que, para valorizar uma alternativa, uma ideia, um processo, são recusados outros, construídos artificialmente como opostos”. Em outras palavras, para muitos, a educação informal seria o oposto da educação formal.

Nesse contexto, e de forma ainda mais marcante, a presença crescente e expansiva dos meios de comunicação de massa na vida cotidiana de todos propõe, neste século que se inicia, um desafio múltiplo, tanto para as instituições sociais, quanto para todos os membros da sociedade, questionando os modelos de educação formal e informal, criando a chamada escola paralela. O termo designa, principalmente, a televisão.

A verdade é que essas esferas sociais educam e, se educam a partir de paradigmas preestabelecidos de educação, é um outro questionamento. Beillerot (1985) chama o fenômeno de “sociedade genuinamente pedagógica”. Contudo, é importante destacar que conhecimento e educação não se reduzem a informação, se assim o fosse, poderíamos substituir todas as escolas e os professores por bibliotecas somente. A informação é o passo que antecede

o conhecimento indissociavelmente. Para além desses, temos a consciência como conceito que complementa a apropriação de um saber.

Assim, todos os alunos, de acordo com um mesmo propósito de pesquisa permanente sobre o desenvolvimento da sociedade em face dos conceitos de comunicação, trarão para a sala de aula elementos diferentes e capazes de transformar as teorias científicas em verdadeiros conceitos aplicados: “Onde quer que possa haver uma aprendizagem significativa buscando atingir intencionalmente objetivos definidos aí encontramos uma ‘aula universitária’” (Masetto, 1998, p. 85).

Negar o aprendizado a partir dos sistemas informais, dentre eles, os meios de comunicação de massa, especificamente a televisão, seria prova de ingenuidade e desperdício. Porém, o que verificamos é um processo de aceitação ou recusa dos conteúdos das mensagens dos veículos de comunicação de massa, gerado principalmente pela ausência da prática de seleção de conteúdo e familiaridade com o processo de recepção.

Para que a televisão tenha sentido útil no aprendizado, precisamos aprender a receber as informações, transformando os receptores em mediadores críticos do processo de recepção. Muito melhor do que tentar camuflar o poder de envolvimento que os estudantes têm com a televisão, expondo argumentos acerca da necessidade de construção de senso crítico capaz de questionar a televisão, é também questionar o formato de transmissão de conteúdos nas escolas.

Muitas vezes aquilo que a televisão apresenta aos alunos está lhes sendo mais útil para que se movam na sociedade do que aquilo que estão vendo como conteúdo didático. Se pensarmos que isso seria impossível, tendo em vista a certeza do valioso conteúdo acadêmico oferecido nas salas de aula, então, poderíamos tanto questionar a metodologia e a forma de expressão dos professores, como retomar o questionamento sobre o fato de os conteúdos passados em sala de aula não serem elementos de transformação social por si só, mas possuírem potencialmente essa função em cada personagem do aprendizado, quando se transforma em um pólo de reflexão e de pesquisas que favoreçam a transformação social.

A primeira ação para esse processo é aceitar que os meios de comunicação de massa, em especial a televisão, não são inimigos da sociedade, tampouco são inimigos do aprendizado. Pelo contrário, se pensados adequados e convenientemente, serão aliados do sistema de aprendizagem. Não são

objetos nocivos, mas parte de um processo educativo da sociedade que possui várias facetas de educação.

Fica difícil avaliar a influência da televisão, modernamente, se a considerarmos definitivamente como uma mídia negativa. Essa postura típica de uma ala da intelectualidade mais radical, na maioria das vezes embota nossa visão sobre os mecanismos de linguagens utilizados pelo meio e principalmente as consequências positivas desse processo. (Contrera, 1999, p. 4)

É importante observar a amplitude de ação que caracteriza os campos da educação e da comunicação. Independente das estruturas pedagógicas adotadas como forma de sistematização e institucionalização do processo de aprendizagem, tudo é educação, por conseguinte nenhum tema está fora das interações sociais que compõem os processos de construção de sentidos fundamentais às atividades do homem como ser social. Como auxílio a essa reflexão, Braga e Calazans (2001, p. 10) observam:

O educacional se coloca, diretamente, como uma questão central no desenvolvimento das novas interações da comunicação social. A cada invenção tecnológica, a sociedade atribui aos processos comunicacionais, desenvolvidos em torno da invenção, uma expectativa educacional. Paralelamente, a questão comunicacional, para além de seu espaço próprio, interessa a todas as demais atividades humanas. Os dois campos se investem de uma competência para tratar de todas as coisas do mundo físico ou social – segundo as perspectivas de seus próprios objetivos e processos. O importante é observar a área de interface entre a comunicação e a educação.

Assim, tomando como certa a existência de uma educação formal e de uma educação informal, faz-se importante reforçar que todos os processos de educação informal só têm sentido para a construção de um cientista a partir do momento em que ele conseguir pensar criticamente sobre todas as informações, e esse aprendizado ainda está sob a responsabilidade da educação formal em seus diversos níveis.

Para isso, o professor também precisa estar integrado no processo. O aluno sabe mais quando o professor estuda mais. Assim, o professor também precisa buscar na sociedade formas de aprendizado além do espaço determinado da sala de aula ou dos laboratórios, conforme já explicado anteriormente.

Congressos, simpósios, seminários, produção de textos e encontros com outros profissionais que estejam pesquisando a mesma área são fundamentais para construção de um profissional questionador que busca na sociedade todo material de análise de que precisa para transformar o conhecimento.

Além desse pressuposto, Melo (1985) afirma que todo o processo entre educação formal e educação informal são elementos indispensáveis para a construção da cidadania. O que se verifica no Brasil, contudo, é uma dificuldade de acesso à educação formal, colocando à margem grande parte da população, principalmente aquela que compõe a base da pirâmide social.

Para aqueles que formam a base da pirâmide social resta a possibilidade de participar do processo de educação informal que se opera através dos meios de comunicação de massa, dependendo naturalmente do estágio econômico em que se localiza cada cidadão. De alguma maneira o fluxo dos *mass media* acaba por atingir todos os indivíduos, excetuando aqueles bolsões de marginalidade que subsistem ao largo da sociedade nacional. Nesse sentido é que o sistema de comunicação de massa desempenha o papel de educador coletivo, permitindo o acesso a um certo tipo de conhecimento que vincula os indivíduos à sua contemporaneidade, mas ao mesmo tempo orienta a sua percepção para apreender significados compatíveis com a ideologia dominante. (Melo, 1985, p. 10)

O volume de informação gerado pelos meios de comunicação de massa só terá sentido educativo se for trabalhado criticamente a partir de uma condição gerada pela educação formal, inquestionavelmente inacessível a toda a população, o que reforça ainda mais a necessidade de um pensar crítico pelos professores e alunos.

Conclusão

O homem contemporâneo participa da construção de um campo tecnológico em constante mutação. A sociedade em que vive desenvolve múltiplos saberes e a relação entre a comunicação e a educação já não é mais explicada somente pelas teorias fundamentais das duas ciências.

Quando pensamos em educomunicação, não estamos mais falando de uma união entre esses dois campos do saber, posto que, ao juntarmos esses dois elementos, temos a criação de outro processo social de interpretação das

realidades até aqui construídas e partimos para uma nova ressignificação dos significados, criando um terceiro processo de interpretação da sociedade.

Educomunicação não é, portanto, um olhar semiótico de representação de dois saberes que se interligam, mas um terceiro saber que se funde às diversas conexões sociais que dão origem a um novo pensamento crítico de relação entre aprendizagem e ensino.

Os novos meios de comunicação recriam toda a sociedade e fazem da educação também um espaço em transformação e adequação de pessoas que aprendem a ver o mundo com novas formas de interpretação de sua função nessa construção coletiva que se processa individualmente em cada sujeito.

A educomunicação é, portanto, um espaço de comunicação que se alimenta do novo e do múltiplo como condição precípua para existência futura, consubstanciada no presente; também consiste em um espaço de educação, quando preserva do tempo de ontem os processos normativos da aprendizagem como configuração de um passado presente que tem no agora seu limite de existência.

Tudo tem início a partir da educação, capaz de transformar o homem em cidadão, elemento participativo e transformador da sociedade. É a ciência que recria o conhecimento e a informação desperta o pensamento crítico e reflexivo sobre o desenvolvimento da sociedade. É na construção do saber, a partir da educação, que o sujeito se transforma em elemento integrante do universo que ajuda a construir. Ao mesmo tempo, tudo se inicia na comunicação, na mensagem, na informação que, assimilada pelo receptor, digerida e transformada em conhecimento, pode ressignificar o próprio significado da educação. Assim, onde há comunicação, há educação, mesmo que não seja a educação escolar tradicional. Não há processo comunicativo sem que haja uma modificação nas partes envolvidas. E modificação é educação.

Referências

AVERBUCK, Lígia Morrone. *Literatura em tempo de cultura de massa*. São Paulo: Nobel, 1984.

BARBERO, Jesús Martín. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

BEILLEROT, J. *A Sociedade Pedagógica*. Porto: Rés Editora, 1985.

BRAGA, José L.; CALAZANS, Regina. *Comunicação e educação: questões delicadas na interface*. São Paulo: Hacker, 2001.

- CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTRO, Ruy. *Roquette-Pinto: O homem multidão*. Revista especial dos 60 anos da Rádio MEC. Rio de Janeiro: Fundação Roquette-Pinto, 1996.
- CONTRERA, W. F. *Televisão: oráculo da modernidade – uma introdução*. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- FRANCO, Marília da Silva. Cinema educativo é chato. *Revista Vídeo Escola*, n. 0, Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, fevereiro de 1991.
- FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- FUSARI, Maria F. de Rezende. *Meios de comunicação na formação de professores: televisão e vídeo em questão*. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.
- GUARESCHI, Pedrinho (Coord.). *Comunicação e controle social*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- KUMAR, Krishan. *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 1999.
- LINHARES, Ronaldo Nunes. *Gestão em comunicação e educação: o audiovisual no espaço escolar*. Maceió: Edufal, 2007.
- LINHARES, Ronaldo Nunes. *Educom: dimensões de um novo espaço*. 2010. Texto copiado.
- LONGO, Waldimir P. Alguns impactos sociais do desenvolvimento científico e tecnológico. *DataGramZero, Revista de Ciência da Informação*. Disponível em: <www.dgz.org.br>. Rio de Janeiro, v. 8 n. 1, fev. 2007.
- JUKES, Ian e McCAIN, Ted. *New school for a new millennium*. Disponível em: <www.ibo.org/ibap/conference/documents/IanJukes-NewSchoolsfortheNewWorld1.pdf>. Acesso em: 8 set. 2008.

- MASETTO, Marcos T. *Docência na universidade*. Campinas: Papirus, 1998.
- MELO, José Marques de. *Para uma leitura crítica da comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- PENTEADO, Heloísa Dupas (Org.). *Pedagogia da comunicação: teorias e práticas*. São Paulo: Cortez, 2001.
- PIMENTA, Selma. G.; ANASTASIOU, Léa das Graças C. *Docência no ensino superior: desafios da prática docente*. Curso ministrado em Aracaju, SE, em janeiro de 2002. (Mimeografado).
- RABOY, Marc. Mídia e democratização na sociedade da informação. In: MELO, José Marques de; SATLER, Luciano (Orgs). *Direitos à comunicação na sociedade da informação*. São Bernardo do Campo: Editora Metodista, 2005. p. 245-254.
- SOARES, Ismar de Oliveira. Teoria e prática para a juventude (entrevista de Paola Carriel). Paraná, jornal *Gazeta do Povo*, 27/10/2012.
- SOARES, Ismar de Oliveira. Comunicação/educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. *Contato – Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação*, v. 1, n. 2, p. 19-74, jan./mar. 1999.
- TUZZO, Simone Antoniacci. *Deslumbramento coletivo: opinião pública, mídia e universidade*. São Paulo: Annablume, 2005.
- TUZZO, Simone Antoniacci; COIMBRA, Mayara Calácio S. *É comunicação ou educação?* Goiânia, jornal *Diário da Manhã*, 20/4/2012, p. 7.